

O que um menino sabia sobre
amor, sofrimento e cura?

'Vovô não foi embora'

Por ANN HOOD

UM DIA SAM, meu filho de 4 anos, contou-me que vira a babá chorando porque tinha rompido com o namorado.

– Ela estava triste – explicou ele. – Eu nunca fiquei triste – acrescentou. – Nunca mesmo.

Era verdade. A vida de Sam era feliz – em grande parte por causa de seu relacionamento com meu pai. Como Sam contava a todos, Vô Hood era mais do que um avô para ele – era um companheiro.

Há uma cena no filme *Anne of Green Gables* em que Anne exprime em voz alta o desejo de ter um amigo do peito. Assistindo à cena certo dia, Sam disse:

– Como eu e o Vô: amigos do peito para sempre.

Meu pai descrevia essa relação do mesmo modo. Quando eu ia dar aulas à noite fora da cidade, uma vez por semana, era o Vô que buscava Sam no colégio com sua caminhonete vermelha e o levava para a casa dele, onde brincavam de piratas, cavaleiros e Robin Hood.

Eles até se vestiam do mesmo jeito: camiseta com bolso, boné de beisebol e *jeans*. Tinham seus restaurantes preferidos, parques que sempre freqüentavam e lojas de brinquedos em que papai deixava Sam brincar pelos corredores em carros motorizados.

Sam sabia de cor o número do telefone de meu pai e lhe telefonava todos os dias, de manhã e à noite. “Vô”, perguntava, agarrando o fone, “posso ligar para você mais cem vezes?” Papai sempre respondia que

sim e atendia o telefone todas as vezes com o mesmo prazer.

Então meu pai adoeceu. Nos meses em que ficou hospitalizado com câncer no pulmão, preocupava-me com a reação de Sam à aparência do avô: as marcas das injeções, os tubos de oxigênio, sua fraqueza. Quando expliquei a Sam que se visse o avô tão doente poderia ficar assustado, ele se espantou.

– Ele nunca poderia me assustar – respondeu.

Mais tarde, vi adultos se aproximarem da cama de meu pai no hospital com apreensão, sem saber o que dizer ou fazer. Mas Sam sabia exatamente como agir: com abraços e brincadeiras, como sempre.

– Vai voltar para casa logo? – perguntava.

– Estou me esforçando – respondia papai.

Quando ele faleceu, tudo mudou para mim e para Sam. Sem querer enfrentar as perguntas e os sentimentos suscitados pela morte de meu pai, eu reprimia a tristeza arrasadora que sentia. Quando, bem-intencionadas, as pessoas me perguntavam como eu estava, dava uma resposta rápida e mudava de assunto.

Mas Sam era diferente. Para ele, pensar em voz alta era o melhor meio de compreender.

– Então – dizia, acomodando-se

no assento do carro –, o Vô está no espaço, não é?

Ou, apontando para um vitral da igreja:

– Um daqueles anjos é o Vô?

Logo depois que meu pai morreu, Sam indagou:

– Onde fica o paraíso?

– Ninguém sabe exatamente – respondi. – Muita gente acha que é no céu.

– Não – disse Sam, sacudindo a cabeça. – Fica muito longe. Perto do Camboja.

Em outra ocasião, perguntou:

– Quando a gente morre desaparece, não é? E quando a gente desmaia, desaparece só um pouquinho, certo?

Achava que as perguntas dele eram boas. O que me incomodava era o que sempre fazia depois: olhava bem dentro de meus olhos, com

mais esperança do que eu podia suportar, e aguardava minha aprovação, correção ou sabedoria. Mas, nesse assunto, meu medo e minha ignorância eram tais que eu ficava muda perante a inocência dele.

Recordando a atitude de Sam diante da doença de meu pai, comecei a observar sua maneira de enfrentar o sofrimento. À noite ele encostava o rosto na vidraça da janela do quarto e chorava, dizendo

‘Você tem de acreditar que o Vô está conosco, mãe’, disse meu filho. ‘Tem de acreditar.’

para a escuridão: "Vô, amo você! Sonhe com os anjos!" E, depois que as lágrimas cessavam, ele se deitava, de certo modo satisfeito, e dormia. Eu, ao contrário, andava pela casa a noite toda, sem saber como chorar.

Um dia, no estacionamento do supermercado, vi uma caminhonete vermelha, igual à de meu pai. Por um instante esqueci que ele tinha morrido. Meu coração deu um salto e pensei: *Papai está aqui!*

Então me lembrei, e me desfiz numa enxurrada de lágrimas. Sam veio para o meu colo, espremendo-se contra o volante.

– Você sente saudade do Vô, não sente? – indagou.

Consegui indicar que sim com a cabeça.

– Tem de acreditar que ele está conosco, mãe – disse ele. – Tem de acreditar nisso.

Jovem demais para se agarrar a uma ideologia em especial, Sam estava simplesmente lidando com o sofrimento e a perda, acreditando

que a morte não nos separa realmente de quem amamos. Eu não podia lhe mostrar o paraíso num mapa nem explicar o rumo que a alma segue. Mas ele encontrara o próprio jeito de lidar com isso.

Há pouco tempo, quando preparava o jantar, Sam estava sentado à mesa da cozinha, quieto, colorindo seu livro do Homem Aranha.

– Eu também amo você – disse ele.

Eu ri e respondi:

– Você só diz "Eu também amo você" depois que alguém diz primeiro "Eu amo você".

– Eu sei – disse Sam. – O Vô acabou de dizer "Eu amo você, Sam", e eu disse "Eu também amo você".

E continuou a colorir.

– O Vô acabou de falar com você? – perguntei.

– Ah, mamãe – disse Sam –, ele diz que me ama todos os dias. Diz a você também. Você é que não está escutando.

Mais uma vez, passei a seguir o exemplo de Sam. E comecei a escutar.

JOGO DE CINTURA



É evidente que, quando falamos de jogo de cintura, estamos usando uma metáfora para a chamada arte da malandragem como forma básica de ser bem-sucedido política e socialmente. Na malandragem, como no jogo de cintura, estamos nos referindo a um modo de defesa autenticamente brasileiro, que consiste em deixar a força adversa passar, livrando-se dela com um simples (mas preciso) mover do corpo.

– ROBERTO DAMATTA, citado em *Futebol-Arte*, de Jair de Souza, Lucia Rito e Sérgio Sá Leitão (Editora Senac-SP)